



Há muitos e muitos séculos, antes de Portugal existir e quando o Al-Gharb pertencia aos árabes, reinava em Chelb, a futura cidade de Silves, o famoso e jovem rei Ibn-Almundim, cheio de uma vitalidade tremenda e que nas suas batalhas, nunca tinha conhecido uma derrota.

Um dia, entre os prisioneiros de uma batalha, viu a linda Gilda, uma jovem princesa muito bonita, loira de olhos azuis e porte altivo.

“O povo do Algarve fala da zorra berradeira com medo horrível.

Diversas são as opiniões que correm a respeito desta malfazeja.

Uns afirmam que a zorra berradeira é uma transformação de moura encantada.

Certa moura encantada, desejando escapar-se aos funestos ditos do encantamento, rebelara-se contra Allah, que a castigou, desgarrando-a e tornando-a objecto de ódio de toda a gente, mouros e cristãos.

Outros sustentam que aquele ser horrível é a alma penada de uma velha, em vida muito má, e que lhe respondia a quem lhe censurava a sua vida escandalosa: neste mundo anda-se como se quer. Porque no outro nada pode saber.

De noite, a deshoras, tem muita gente ouvido berrar, nos cumes dos mais agrestes serros, a zorra fatal.

Visto de longe parece uma cabra, de mais perto uma imunda ave, de enorme dimensão, com as asas manchadas e sujas.

É o verdadeiro retrato das arpias de outras eras.

Pessoas há que têm sido acometidas de noite pela zorra berradeira e se têm visto em grande perigo. Salta sobre o indivíduo com uma força enorme e no mesmo momento, como um velo arremessado pela força do vento, vai pousar sobre o serro mais alto.

Exala de si um vapor imundo e nojento e, berrando, atroa serros e vales.

Em muitos concelhos do Algarve é a zorra berradeira muito mais temível do que as mouras encantadas ou as bruxas.

Parece que nos seus berros só anuncia desgraças e maldades.

Enquanto as Gens ou Jens são uns seres benfazejos e queridos, a zorra berradeira é má e odiada por toda a gente.

A zorra berradeira é verdadeiramente a transformação das fúrias dos antigos. É tão má como estas e como estas igualmente temida.

Quando alguém tem a infelicidade de ouvir de noite a zorra berradeira, conta logo com desgraça em casa.

Em certa noite adoeceu repentinamente certa velhinha muito estimada no sítio. Chamado o médico, declarou que nada encontrava na velhinha, cujo pulso estava regular. Não é coisa de cuidado, disse-lhe o médico.

É sim, senhor: morro esta noite e quero-me confessar.

O médico riu-se. A velhinha confessou-se e morreu duas horas depois da confissão. Declarou antes de morrer que ouvira nessa noite a zorra berradeira.

Em uma noite seguia um sujeito, forte e animoso, para a sua casa, ouviu, ao longe, os berros da zorra maldita.

Para provar que a não temia, arremedou-a nos berros.

A zorra, embora a enorme distância, de um salto, caiu sobre o infeliz que tentou resistir-lhe.

Qual resistir! Apesar do inimigo não ter carne, nem osso, nem barbatanas, moeu-o tão horrivelmente que, ao chegar a casa, caiu morto entre portas.

Foi observado todo o corpo: não tinha a mais pequena equimose, a mais insignificante mancha ou nódoa.

Quando se pergunta a alguém, onde reside a zorra berradeira, responde imediatamente: em Odelouca.

Odelouca é uma ribeira que vem desaguar no rio de Portimão.

Há ocasiões em que a zorra berradeira se converte em um verdadeiro flagelo no concelho de Monchique. Os habitantes dos sítios de Odelouca não se atrevem a sair de suas casas, à noite.

E o povo receoso e cheio de medo crê supersticiosamente nestes e noutros seres, não obstante ser católico, apostólico, romano.

O nosso povo é a mesma entidade de todos os tempos: essencialmente politeísta.

Podem chamar aos politeístas inconsequentes, mas, por Deus, não lhe neguem o profundo conhecimento do espírito humano. Eram profundos em psicologia."